

CHIKUNGUNYA. Infectologista pede para população ajudar na 'guerra'

# Alagoas pode enfrentar epidemia 'devastadora'

Entre 35% e 60% dos alagoanos correm risco de serem infectados

BLEINE OLIVEIRA  
REPÓRTER

Em 2016, a febre chikungunya causou mais mortes que a dengue no Brasil. Segundo dados do Ministério da Saúde, foram registrados 159 óbitos pela doença, sendo seis deles em Alagoas, o que levou o Estado à sexta colocação em número de mortos. Os demais foram registrados em Pernambuco (54), Paraíba (32), Rio Grande do Norte (25), Ceará (21), Rio de Janeiro (9), Bahia (4), Maranhão (5), Piauí (1), Sergipe (1) e Distrito Federal (1).

Já o número de notificações da doença chegou, até o último dia 10, a 263.598 casos prováveis. O MS informa que, em 2016, poucos estados vivenciaram, até o momento, epidemias de chikungunya. Porém, ao divulgar, nessa sexta-feira, 23, um guia clínico para o manejo da doença, o próprio ministério alertou para a possibilidade de epidemias em todas as regiões do Brasil.

Com a aproximação do verão e suas chuvas, haverá um aumento de ca-



Infectedologist Celso Tavares alerta para possível surto de febre

sos neste fim de ano e início de 2017 – alerta o MS. Ressaltando que governo e população perderam a guerra contra o *Aedes*, transmissor da chikungunya, o infectologista Celso Tavares afirmou esta semana que, em Maceió, pelo menos 350 mil pessoas poderão ser afetadas.

“Em 2017 a situação será ainda mais grave que este ano. Entre 35% e 60% da população de Alagoas poderá ser acometida de chikungunya”, declarou o infectologista. Indagado sobre a grandiosidade desse número, principalmente se for comparado aos números em Maceió (18.108 casos notificados este ano), Celso Tavares foi taxativo: “Os números das estatísticas oficiais indicam uma tendência, mas não representam a realidade”.

Segundo ele, os dados

oficiais contabilizam somente as notificações da rede pública. “A Secretaria de Estado da Saúde divulga os números que recebe das secretarias municipais. A gente sabe que a maioria delas só funciona on-line”, afirma Celso Tavares.

“Falta contar ainda as que foram infectadas pelo mosquito e não foram aos postos de saúde”, salienta o médico.

De janeiro até o dia 19 deste mês, a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) notificou 18.108 casos suspeitos de febre chikungunya em Maceió. Porém, considerando o histórico da doença, especialistas alertam que esse número pode aumentar 35% em 2017, chegando a atingir mais de 24 mil pessoas. Alguns médicos, como Celso Tavares, avaliam que o crescimento do número de casos pode ser

ainda maior, chegando a 60%, na comparação com 2016.

Se essa projeção se confirmar, serão quase 29 mil notificações. A estimativa foi revelada esta semana, durante evento promovido pela Santa Casa de Misericórdia de Maceió, onde o infectologista alertou para uma provável epidemia da febre chikungunya em Alagoas no início do próximo ano.

Também presente ao evento, o ortopedista George Cristopoullos fez um apelo. “Imploro que a população se conscientize e que haja campanhas mais eficientes de combate ao mosquito”, afirmou. O médico alertou que, sem campanhas de conscientização, a epidemia, sem precedentes, será devastadora.

A avaliação é confirmada por Fernando Maia, também infectologista, que considera essencial alertar a população sobre os riscos de infecção por uma doença com grande poder de deixar as pessoas incapacitadas por longo tempo. O médico diz que a febre chikungunya tem atemorizado os alagoanos, e os brasileiros, pela gravidade dos sintomas.

“Tem quem não consiga andar, e até um ato normal, como pegar um copo, se torna difícil”, alerta o infectologista.

## Doença pode incapacitar permanentemente

Quitéria Aquino Rodrigues, 41 anos, residente no bairro da Ponta Grossa, foi infectada em maio e, deste então, sua vida mudou. “Não consigo mexer o pescoço, pois a dor é demais. Me viro de corpo inteiro”, afirma ela, sobre as consequências da chikungunya.

As primeiras dores, nas pernas, eram tão fortes que obrigaram Quitéria a ficar na cama por três dias. “Nem conseguia dobrar os joelhos. Até pra ir ao banheiro era difícil”, relembra. As dores nas pernas passaram, mas ficaram no pescoço, mãos e braços. A medicação prescrita pelos médicos parece não funcionar, reclama.

O infectologista Fernando Maia explica que metade das pessoas que têm a doença pode sofrer até 30 dias com dores nas juntas; outras 40% terão dor articular; e 10% dos pacientes podem evoluir para a forma crônica e ter dor articular durante anos.

“Há ainda o risco de destruição da articulação, sintomas semelhantes aos da artrite reumatoide, que é uma doença bastante

grave”, alerta.

É pela gravidade da doença, que pode incapacitar permanentemente, que ele e seus colegas consideram fundamental a mobilização de toda a sociedade. O mosquito *Aedes aegypti* precisa ser combatido com mais empenho e frequência, apelam os médicos.

Transmissor de três doenças bem conhecidas dos alagoanos – a dengue, a febre chikungunya e a zika –, o *Aedes* é um inimigo que todos devem combater sem trégua. A primeira ação de enfrentamento é acabar com os focos do mosquito, evitando manter água parada, que pode virar criadouro.

Se observar o aparecimento de manchas vermelhas na pele, olhos avermelhados ou febre, o paciente deve buscar um posto de saúde para atendimento. E não deve tomar qualquer medicamento por conta própria.

Os sintomas iniciam entre dois e doze dias após a picada do mosquito. Porém, cerca de 30% dos casos não apresentam sintomas. **BO**



Infectada em maio, até hoje Quitéria Aquino sente sintomas